

Sobre a fala de D. Pedro: religião, política e ética

Gisálio Cerqueira Filho *

Para Antonio Henrique Pereira Neto, *in memoriam*.
Para Andre Fischer Cerqueira, recém nascido

Resumo: O D. Pedro em questão não é referência ao Imperador do Brasil... mas ao bispo espanhol (catalão), nascido em 16/02/1928. Foi nomeado administrador apostólico da prelazia de São Félix do Araguaia (Mato Grosso, Brasil) no dia 27/04/1970 e bispo prelado da mesma prelazia em 27/08/1971, em pleno regime militar. Sua ordenação episcopal deu-se a 23/10/1971. Foi alvo de processos de expulsão do Brasil, tendo saído em sua defesa o arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns. No ano de 2000 foi agraciado com o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Campinas (UNICAMP). Adepto da teologia da libertação adotou como lema para sua atividade pastoral "*nada possuir, nada carregar, nada pedir, nada calar e, sobretudo, nada matar*". É poeta, autor de várias obras que inspiraram o movimento das comunidades eclesiais de base. Apresentou sua renúncia à Prelazia em conformidade ao Can. 401 §1 do Código de Direito Canônico em 2005. No dia 02/02/2005 o Papa João Paulo II aceitou sua renúncia ao governo pastoral de São Félix do Araguaia. No presente trabalho são abordados a sua passagem pelo Centro de Formação Intercultural (CenFI), Petrópolis, e a carta Circular de 2009 «*Hoy ya no tengo esos sueños*», referida ao Cardeal Carlo M. Martini, S.J., que foi arcebispo de Milão, Itália.

Palavras-chaves: Pedro Casaldáliga – teologia – crítica política – Brasil.

Abstract: Dom Pedro focuses in this issue is not the emperor of Brazil...but the bishop from *Catalunya* Pedro Casaldáliga which was born on February, 16th, 1928. He was responsible, as bishop, for Prelazia of São Felix do Araguaia (Mato Grosso, Brazil) since seventy´ decade in the context of military dictatorship. His ordination took place on October, 10th, 1971. He was persecuted in Brazil by dictatorship and he was protected by Evaristo Arns Cardinal of São Paulo. In the year of 2000 he has received the title of *Honoris Causa PhD*. From University of Campinas (UNICAMP). He is a thinker of theology of liberation and his point of view is in order "do not own goods, not carry on, not to ask for, not murder anyone". He is also a poet, author of many books for ecclesial non-governmental organizations. He has presented his resignation according Canon Law, 401 §1, in 2005. On February, second day, 2005 the Pope has accepted his resignation from pastoral government of São Felix do Araguaia. The aim of this paper is to discuss his passage as student at Centro de Formação Intercultural (CenFI), Petrópolis, in Rio de Janeiro state, and his circular letter of 2009, titled: "Today I don't have these dreams", concerning Cardenal Carlo M. Martini, S.J., archbishop of Milan, Italy, written recently.

Key-words: Pedro Casaldáliga – theology - political criticism – Brazil.

* Gisálio Cerqueira Filho é Doutor em Ciência Política pela USP Professor Titular de Sociologia (aposentado) e Associado II de Teoria Política: docente e pesquisador senior na Universidade Federal Fluminense (UFF). Atua nos Laboratórios de Psicopatologia Fundamental, Psicanálise e Psicossomática (LP3F) e Cidade e Poder (LCP). Editor de *PASSAGENS* - Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica <http://www.historia.uff.br/revistapassagens/>

Desde meados de 1968 eu começara a trabalhar como professor e pesquisador no CenFI. O Centro de Formação Intercultural era uma entidade privada, sem fins lucrativos, que trabalhava prestando serviços à Igreja Católica do Brasil. Mais tarde seria absorvido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e instalado parte em Brasília, D.F., parte no Colégio Assunção, em Santa Tereza, RJ. Naquele ano de 1968, entretanto, o CenFI funcionava na cidade de Petrópolis, na Rua Benjamim Constant, 280. Era um grande casarão, com instalações para até cem pessoas em quartos individuais, salões para conferências com tradução simultânea, duas quadras esportivas e jardins. O CenFI era um projeto de aculturação de estrangeiros e recebia missionários que viriam trabalhar como sacerdotes e freiras nas diferentes prelazias do interior brasileiro. O CenFI oferecia basicamente: a) curso de português por imersão para os alunos que ficavam hospedados conosco por cerca de 180 dias. b) Curso internacional sobre realidade brasileira de modo apresentar a formação social brasileira, numa perspectiva, histórica e do ponto de vista econômico, social e político. Eu era professor de Teoria Política Brasileira e me vi cercado pelo convívio afável de missionários norte-americanos, canadenses, espanhóis, holandeses, belgas, irlandeses, franceses, alemães; tais as nacionalidades mais presentes nesta iniciativa tão enriquecedora para alunos quanto para professores. Nas aulas promovíamos intensa interação social entre os alunos visando uma pedagogia participativa.

Cabe evocar aqui dentre as muitas conversas que tivemos, aquelas referidas ao trabalho braçal e à pedagogia popular. O Pe. Antonio Henrique Pereira Neto, assessor de D. Hélder Câmara em Recife e a quem este trabalho é oferecido in *memorian*, lecionava então no Colégio Marista e costumava dar continuidade às suas aulas matutinas em desdobramentos noturnos e nas residências dos alunos que se ofereciam para esses eventos. Geralmente moradores dos bairros da periferia, um dos alunos recebia o professor Henrique e convidava vizinhos e amigos interessados. Com extrema maestria Henrique desdobrava os seus temas em discussões com participação intensa vivenciada por um punhado de cidadãos que, emocionados, partilhavam daquela singular experiência pedagógica.

Possuíamos um Centro de Documentação e estávamos em contato permanente com o CEDOC (*Centro de Documentación de Cuernavaca*, México, dirigido por Ivan Illich). O CenFI era dirigido pelo brasileiro Pe. Celso Pedro da Silva e tinha como professor residente o canadense Monsenhor Cambron. Por cerca de cinco anos trabalhei como docente e pesquisador, convivendo com a diversidade e com homens e mulheres com uma disposição para o trabalho missionário que transcendia todas as expectativas. Em 1969 viajei para o interior da Amazônia em viagem de estudos à prelazia de Itacoatiara e passei o verão em

Urucará, no médio Amazonas. Tomei um banho de Brasil... estive na Serra do Cachimbo, convivi com os índios amazônicos, viajei de barco por incontáveis horas pelo interior do Amazonas e pude perceber os resultados práticos dos ensinamentos com muitos dos nossos ex-alunos, agora sacerdotes e freiras no Brasil.

Talvez um dos mais brilhantes, e certamente o mais famoso ex-aluno do CEnFI, foi o sacerdote catalão Pedro Casaldáliga nascido aos 16/02/1928 (CASALDÁLIGA, 1978). Foi nomeado administrador apostólico da prelazia de São Félix do Araguaia (Mato Grosso, Brasil) no dia 27/04/1970 e bispo prelado da mesma prelazia em 27/08/1971, em pleno regime militar. Sua ordenação episcopal deu-se a 23/10/1971. Foi alvo de processos de expulsão do Brasil, tendo saído em sua defesa o arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns (SERBIN, 2006). No ano de 2000 foi agraciado com o título de Doutor *Honoris Causa* pela UNICAMP. Adepto da teologia da libertação adotou como lema para sua atividade pastoral "*nada possuir, nada carregar, nada pedir, nada calar e, sobretudo, nada matar*". É poeta, autor de várias obras que inspiraram o movimento das comunidades eclesiais de base. Estas, conhecidas pela sigla CEBs, apareciam como alternativas para solução de espinhosos conflitos sociais (CERQUEIRA FILHO, 1981). Na verdade eram espaços onde o conflito social emergia numa perspectiva de diálogo e num movimento social espiralado de baixo para cima.

Apresentou sua renúncia à Prelazia em conformidade ao Can. 401 §1 do Código de Direito Canônico em 2005. No dia 02/02/2005 o Papa João Paulo II aceitou sua renúncia ao governo pastoral de São Félix. No presente trabalho prestamos uma homenagem a Pedro Casaldáliga abordando a carta Circular de 2009 "*Hoy ya no tengo esos sueños*"* referida ao Cardeal Carlo M. Martini, S.J., que foi arcebispo de Milão, Itália.

De fato, o presente trabalho pretende discutir brevemente o tom desesperançoso tão ainda presente na América Latina e que, em alguns casos tangencia a negatividade absoluta e o nihilismo, eventualmente sugeridos na declaração do Cardeal Carlo Martini quando fala "*Soñaba con una Iglesia joven. Hoy ya no tengo más esos sueños*". Pedro Casaldáliga minimiza a fala Martini, que como ele, sofre do mal de Parkinson. Para Pedro Casaldáliga esta declaração não é de fracasso ou renúncia à utopia.

O sonho de uma outra Igreja, "*otra Iglesia posible, al servicio del otro Mundo posible*" estaria presente nas várias igrejas presentes na Igreja, como nos vários povos e

* ¹ Ver no Anexo a íntegra da Carta circular de D. Pedro Casaldáliga.

culturas presentes na Sociedade. Seria como um anseio profundo presente nas comunidades humanas.

Aqui, em *flashback*, recordo-me do princípio da esperança na filosofia de Ernst Bloch, como recurso derradeiro para não se afundar na negatividade absoluta.

Observando a fala de Carlo Martini na atualidade, penso no estilo da escritora Clarice Linspector citada por Salviano Santiago (SANTIAGO, 2006) e graças ao recurso do *flash-forward*^{2*} vemos no texto de Martini uma nota esperançosa para o futuro da Igreja presente, por exemplo.

“... Na ficção Clarice Clarice Linspector buscou representar determinada situação negativa da experiência humana para nela, através de um acontecimento banal, projetar o valor positivo da vida e para dela, em movimento posterior, extraí-lo como a um híbrido prenhe, enriquecido, explosivo e aberto à utopia. Como nos ensinou Ernst Bloch, Clarice sabia que o horror e as emoções negativas são infinitamente preciosos na medida em que também constituem modalidades daquele espanto ontológico elementar que é a nossa forma mais concreta de consciência do futuro latente em nós e nas coisas” (SANTIAGO, 2006).

A palavra de Martini é então vista um bom testemunho e guia para essa alternativa. Norberto Bobbio comparece com a consigna “*hay que instalar la libertad en el corazón mismo de la igualdad*”. Aqui presente uma globalização de solidariedade e ação estritamente mundial.

Esta é que deve ser fomentada, na esteira da globalização do circuito produtivo de bens e serviços.

A crise econômica que vivemos seria uma crise global de humanidade que não se resolverá “*con ningún tipo de capitalismo, porque no cabe un capitalismo humano; el capitalismo sigue siendo homicida, ecocida, suicida*”.

A questão central seria “*¿Se trata de salvar el Sistema o se trata de salvar a la Humanidad?*”

A desconstrução da palavra crise apontaria para o perigo, para o risco, mas também para a oportunidade e para as novas chances para a economia, política e cultura.

Pedro Casaldáliga recorda que “*en la campaña electoral de EE UU se enarboló repetidamente el sueño de Martin Luther King*”. O eco da voz potente de Luther King ainda ecoa: *I have a dream...* A atualização desse sonho evoca o chamado “*Pacto de las Catacumbas de la Iglesia sierva y pobre*”.

^{2*} A expressão é da lavra do escritor Salviano Santiago.

No dia 16 de noviembre de 1965, pouco antes da clausura do Concílio, quarenta Padres Conciliares “*celebraron la Eucaristía en las catacumbas romanas de Domitila, y firmaron el Pacto de las Catacumbas*”. Dom Hélder Câmara, cujo centenário de nascimento estamos celebrando este ano, lá estava presente e era um dos principais animadores do grupo profético. O referido Pacto apresenta 13 pontos:

- 1) uma Igreja sem privilégios, títulos honoríficos e ostentações. Aqui atualiza-se o lema de Perdo Casaldáliga para sua atividade pastoral "*nada possuir, nada carregar, nada pedir, nada calar e, sobretudo, nada matar*".
- 2) O tema da colegialidade e da coresponsabilidade na Igreja. Temida pelo poder, a questão da centralização política e proposta como pauta para discussão.
- 3) Aberta para o mundo e para os grandes temas que se anunciam para o novo século e milênio. Poderíamos fazer um inventário desses temas num sentido micro e macropolítico, para posteriormente agregá-los como novos “sinais dos tempos” alusivos à conhecida passagem da encíclica *Pacem in Terris*, de João XXIII.
- 4) Rechaço do capitalismo neoliberal; do neoimperialismo do dinheiro e das armas.
- 5) Rechaço de uma economia de mercado e de consumismo que sepultam na pobreza e na fome a grande maioria da humanidade.
- 6) Contra toda discriminação por motivos de gênero, cultura, raça. Recordar que o conceito de raça é já combatido pela Genética.
- 7) Transformação dos organismos mundiais e multilaterais *como* ONU, FMI, Banco Mundial, OMC e outros.
- 8) Compromisso em viver *uma* ecologia profunda e inteira propiciando uma política agrária-agrícola alternativa à política predadora do latifúndio, da monocultura, do agrotóxico.
- 9) Participação nas transformações sociais, políticas e econômicas para uma democracia de alta intensidade.
- 10) Como Igreja viver à luz do Evangelho, a paixão obsessiva de Jesus; opção pelos pobres, comunidade ecumênica e também macroecumênica. A Igreja como rede de comunidades de oração e serviço, proféticas e testemunhas da Boa-Nova de liberdade e comunhão feliz.
- 11) A religião não pode ser causa de fundamentalismos, de exclusões. Nem de inclusões absorventes ou de orgulho proselitista. Aqui a crítica ao absolutismo afetivo.

- 12) O diálogo inter-religioso como possibilidade e necessidade. Como vetor de distensão mundial.
- 13) O Vaticano deixará de ser um Estado papal e o Papa não será mais Chefe de Estado. A Cúria haverá de ser profundamente reformada e as igrejas locais cultivarão a inculturação do evangelho e o ministério compartilhado. A Igreja se comprometerá com as grandes causas da justiça e da paz, com os direitos humanos e a igualdade de todos os povos. O amor (a caridade) será a causa maior. A esperança tomará a forma nos movimentos populares, nas conquistas dos sem-terra, nos pactos ecológicos... nas comunidades eclesiais de base, nos processos de reconciliação entre *el Shalom* y *el Salam*, as vitórias indígenas e afro, e em todo caso ressalte-se uma vez mais o dito *la Esperanza*.

Não se pode temer a pauta do século XXI, que se anuncia inevitável para todos, as discussões sobre controle da natalidade, aborto, celibato voluntário, eutanásia, pedofilia na Igreja, divórcio, sacerdócio feminino, e a questão do fundamentalismo religioso; todos são temas que espreitam os fiéis e os interrogam por entre as frestas do Direito Canônico.

E concluímos com uma observação de Pedro Casadáliga: “*Cada uno y cada una a quien pueda llegar esta circular fraterna, en comunión de fe religiosa o de pasión humana, reciba un abrazo del tamaño de estos sueños. Los viejos aún tenemos visiones, dice la Biblia (Jl 3,1). Leí hace unos días esta definición: «La vejez es una especie de posguerra»; no necesariamente de claudicación. El Parkinson es sólo un percance del camino y seguimos Reino adentro.*

De fato, sonhar com uma outra Igreja possível é sonhar com outro mundo possível. Como dizia Calderón de La Barca, *la vida es sueño* (ZIZEK, 2000).

ANEXO

Circular de D. Pedro Casaldaliga

Hoy ya no tengo esos sueños

Pedro Casaldaliga

“Hoy ya no tengo esos sueños” habla el Cardenal Carlo M. Martini, jesuita, biblista, arzobispo que fue de Milán y colega mío de Parkinson, es un eclesiástico de diálogo, de acogida, de renovación a fondo, tanto de la Iglesia como de la Sociedad.

En su libro de confidencias y confesiones Coloquios nocturnos en Jerusalén, declara: «Antes tenía sueños sobre la Iglesia. Soñaba con una Iglesia que recorre su camino en la pobreza y en la humildad, que no depende de los poderes de este mundo; en la cual se extirpara de raíz la desconfianza; que diera espacio a la gente que piensa con más amplitud; que diera ánimos, en especial, a aquellos que se sienten pequeños o pecadores. Soñaba con una Iglesia joven. Hoy ya no tengo más esos sueños».

Esta afirmación categórica de Martini no es, no puede ser, una declaración de fracaso, de decepción eclesial, de renuncia a la utopía. Martini continúa soñando nada menos que con el Reino, que es la utopía de las utopías, un sueño del mismo Dios. Él y millones de personas en la Iglesia soñamos con la «otra Iglesia posible», al servicio del «otro Mundo posible». Y el cardenal Martini es un buen testigo y un buen guía en ese camino alternativo; lo ha demostrado. Tanto en la Iglesia (en la Iglesia de Jesús que son varias Iglesias) como en la Sociedad (que son varios pueblos, varias culturas, varios procesos históricos) hoy más que nunca debemos radicalizar en la búsqueda de la justicia y de la paz, de la dignidad humana y de la igualdad en la alteridad, del verdadero progreso dentro de la ecología profunda. Y como dice Bobbio «hay que instalar la libertad en el corazón mismo de la igualdad»; hoy con una visión y una acción estrictamente mundiales. Es la otra globalización, la que reivindican nuestros pensadores, nuestros militantes, nuestros mártires, nuestros hambrientos... La gran crisis económica actual es una crisis global de Humanidad que no se resolverá con ningún tipo de capitalismo, porque no cabe un capitalismo humano; el capitalismo sigue siendo homicida, ecocida, suicida. No hay modo de servir simultáneamente al dios de los bancos y al Dios de la Vida, conjugar la prepotencia y la usura con la convivencia fraterna. La cuestión axial es: ¿Se trata de salvar el Sistema o se trata de salvar a la Humanidad? A grandes crisis, grandes oportunidades. En idioma chino la palabra crisis se desdobra en dos sentidos: crisis como peligro, crisis como oportunidad. En la campaña

electoral de EE UU se enarboló repetidamente «el sueño de Luther King», queriendo actualizar ese sueño; y, con ocasión de los 50 años de la convocatoria del Vaticano II, se ha recordado, con nostalgia, el Pacto de las Catacumbas de la Iglesia sierva y pobre. En el 16 de noviembre de 1965, pocos días antes de la clausura del Concilio, 40 Padres Conciliares celebraron la Eucaristía en las catacumbas romanas de Domitila, y firmaron el Pacto de las Catacumbas. Dom Hélder Câmara, cuyo centenario de nacimiento estamos celebrando este año, era uno de los principales animadores del grupo profético. El Pacto en sus 13 puntos insiste en la pobreza evangélica de la Iglesia, sin títulos honoríficos, sin privilegios y sin ostentaciones mundanas; insiste en la colegialidad y en la corresponsabilidad de la Iglesia como Pueblo de Dios, y en la abertura al mundo y en la acogida fraterna. Hoy, nosotros, en la convulsa coyuntura actual, profesamos la vigencia de muchos sueños, sociales, políticos, eclesiales, a los que de ningún modo podemos renunciar. Seguimos rechazando el capitalismo neoliberal, el neoimperialismo del dinero y de las armas, una economía de mercado y de consumismo que sepulta en la pobreza y en el hambre a una grande mayoría de la Humanidad. Y seguiremos rechazando toda discriminación por motivos de género, de cultura, de raza. Exigimos la transformación sustancial de los organismos mundiales (ONU, FMI, Banco Mundial, OMC...). Nos comprometemos a vivir una «ecológica profunda e integral», propiciando una política agraria-agrícola alternativa a la política depredadora del latifundio, del monocultivo, del agrotóxico. Participaremos en las transformaciones sociales, políticas y económicas, para una democracia de «alta intensidad». Como Iglesia queremos vivir, a la luz del Evangelio, la pasión obsesiva de Jesús, el Reino. Queremos ser Iglesia de la opción por los pobres, comunidad ecuménica y macroecuménica también. El Dios en quien creemos, el Abbá de Jesús, no puede ser de ningún modo causa de fundamentalismos, de exclusiones, de inclusiones absorbentes, de orgullo proselitista. Ya basta con hacer de nuestro Dios el único Dios verdadero. «Mi Dios, ¿me deja ver a Dios?». Con todo respeto por la opinión del Papa Benedicto XVI, el diálogo interreligioso no sólo es posible, es necesario. Haremos de la corresponsabilidad eclesial la expresión legítima de una fe adulta. Exigiremos, corrigiendo siglos de discriminación, la plena igualdad de la mujer en la vida y en los ministerios de la Iglesia. Estimularemos la libertad y el servicio reconocido de nuestros teólogos y teólogas. La Iglesia será una red de comunidades orantes, servidas, proféticas, testigos de la Buena Nueva: una Buena Nueva de vida, de libertad, de comunión feliz. Una Buena Nueva de misericordia, de acogida, de perdón, de ternura, samaritana a la vera de todos los caminos de la Humanidad. Seguiremos haciendo que se viva en la práctica eclesial la advertencia de Jesús: «No será así entre vosotros» (MT.21,26). Sea la autoridad

servicio. El Vaticano dejará de ser Estado y el Papa no será más Jefe de Estado. La Curia habrá de ser profundamente reformada y las Iglesias locales cultivarán la inculturación del Evangelio y la ministerialidad compartida. La Iglesia se comprometerá, sin miedo, sin evasiones, en las grandes causas de la justicia y de la paz, de los derechos humanos y de la igualdad reconocida de todos los pueblos. Será profecía de anuncio, de denuncia, de consolación. La política vivida por todos los cristianos y cristianas será aquella «expresión más alta del amor fraterno» (Pío XI). Nos negamos a renunciar a estos sueños aunque puedan parecer quimera.

«Todavía cantamos, todavía soñamos». Nos atenemos a la palabra de Jesús: «Fuego he venido a traer a la Tierra; y qué puedo querer sino que arda» (Lc 12,49). Con humildad y coraje, en el seguimiento de Jesús, miraremos de vivir estos sueños en el cada día de nuestras vidas. Seguirá habiendo crisis y la Humanidad, con sus religiones y sus iglesias, seguirá siendo santa y pecadora. Pero no faltarán las campañas universales de solidaridad, los Foros Sociales, las Vías Campesinas, los Movimientos populares, las conquistas de los Sin Tierra, los pactos ecológicos, los caminos alternativos de Nuestra América, las Comunidades Eclesiales de Base, los procesos de reconciliación entre el Shalom y el Salam, las victorias indígenas y afro y, en todo caso, una vez más y siempre «yo me atengo a lo dicho: la Esperanza». Cada uno y cada una a quien pueda llegar esta circular fraterna, en comunión de fe religiosa o de pasión humana, reciba un abrazo del tamaño de estos sueños. Los viejos aún tenemos visiones, dice la Biblia (Jl 3,1). Leí hace unos días esta definición: «La vejez es una especie de posguerra»; no necesariamente de claudicación. El Parkinson es sólo un percance del camino y seguimos Reino adentro.

Referências bibliográficas:

CADALDÁLIGA, Pedro. *Carta circular de D. Pedro Casaldáliga*.

CASALDÁLIGA, Pedro. *Creio na Justiça e na Esperança*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1978.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio. *CEBs: uma nova maneira de viver*, Folha de São Paulo, Folhetim, 5/7/81, São Paulo.

SANTIAGO, Silviano. *As Raízes e o labirinto da América Latina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

SERBIN, Kenneth P.. *Needs of the Hearth – a social and cultural history of Brazil's clergy and seminaries*. University of Notre Dame, USA, 2006.

ZIZEK, Slavoj. *The Fragile Absolute: or, Why is the Christian legacy worth fighting for?* London/ New York: Verso. 2000.